

TORNAR A MÚSICA MAIS ALTA QUE AS BOMBAS: GUERRA, REFÚGIO E POLITIZAÇÃO DA INFÂNCIA

Rita Ribes Pereira¹
Fernanda de Azevedo Milanez²

Resumo: Este texto tem por objetivo problematizar o lugar político da infância enquanto potência e força de transformação. Dialoga com o documentário “Para Sama”, que a jornalista cineasta Waad al-Kateab dedica à sua filha, que nasce e vive seus primeiros anos de vida no contexto da guerra civil da Síria, que durante uma década soma imensa quantidade de crianças mortas, desaparecidas, refugiadas ou recrutadas. Que é a infância nesse contexto? Qual seu lugar político? Os conceitos de liberdade, como sentido mesmo da política, tal como apregoa Hannah Arendt, e de precariedade e comoção, na abordagem feita por Judith Butler, amparam a discussão teórica construída numa perspectiva interseccional que articula gênero, geração, etnia e territorialidade.

Palavras-chave: Infância; Politização da Infância; Crianças Refugiadas; Síria; Cinema.

Making the music louder than the bombs: war, refuge and politicization of childhood

Abstract: The present text aims to question the childhood political place as a potential and transforming power. It dialogues with the documentary “To Sama”, which the journalist filmmaker Waad al-Kateab dedicates to her daughter, who was Born and lived her first years in the context of Syria's civil war that for a decade has summed up in a immense number of killed, missing and refugees children or them being recruited as "children soldiers". What is childhood in such context? What its political place? The concepts of freedom with the very meaning of politics proclaimed by Hannah Arendt, also the sense of precariousness and commotion in Judith Butler's approach, supporting a theoretical discussion built on a intersectional perspective that articulates gender, generation, ethnicity and territoriality.

Keywords: Childhood; Childhood's Politicization; Refugee Children; Syria; Movies

1 Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: ritaribes@uol.com.br. Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-8605-3394>

2 Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: milanez21@gmail.com. Orcid: <http://orcid.org/0000-0003-4921-3528>

INTRODUÇÃO

**Imagem 1 - Sama**

É com esta imagem da menina Sama, recém-nascida a esboçar um sorriso em resposta ao chamado de sua mãe, que colocamos em debate o tema da infância enquanto conceito político. Quantas imagens como esta compõem nossa memória afetiva familiar? Guardadas em álbuns de família, porta-retratos, velhas fitas VHS, DVDs, circulando em diferentes redes sociais ou até mesmo esquecidas em meios digitais de armazenamento, nestes tempos de produção intermitente de imagens... Fotos da nossa infância, de filhos, sobrinhos, netos... Imagens que falam de uma criança, em particular, mas, também, sobre a família, sua classe, sua raça, seu gênero, sua cultura, sobre o contexto da produção daquela imagem, sobre as diferentes épocas e técnicas de captura, sobre a intenção da sua feitura, enfim, sobre as concepções de infância que engendra e disputa. Que imagens de infância compõem os nossos arquivos? Que existências evocam? Que histórias contam?

A imagem acima foi produzida por Waad, mãe de Sama, no contexto da Guerra civil da Síria. Enquanto a menina dorme, Waad a apresenta para a câmera e conversa com ela: *“Sama. Seu nome significa céu. O céu que queremos. O céu que desejamos. Não o céu com aviões, com bombas. Um céu*

só com nuvens. Com pássaros. Sama? Sama? Ah, você sorriu?” (00:50:10). A paz de criança dormindo e o angelical sorriso que nos enternece são instantes fugazes. As imagens tremidas que se seguem anunciam mais um bombardeio. E outro. E outro. E muitos outros. Mas, *“em Aleppo não há tempo para chorar”* (00:53:48). E assim, no jogo das imagens em movimento que constituem a natureza do cinema, acompanhamos o desenvolvimento de Sama e da Guerra civil na Síria.



Imagem 2 - Sama e sua mãe, Waad

“For Sama” é um documentário com características de vídeo-diário, dirigido por Waad al-Kateab e Edward Watts, produção Sírio-Inglesa desenvolvida entre os anos 2011 e 2016 e finalizada no ano de 2019³. Waad, mãe de Sama, faz um registro épico do cotidiano na cidade síria de Aleppo.

A história de Sama é a história de Aleppo. É também a história de Waad e Hamza al-Kateab, seus pais, estudantes e ativistas que ali se conheceram e se

³O documentário pode ser acessado por meio do link: https://www.documaniatv.com/social/para-sama-video_3a2e4faa3.html As imagens apresentadas neste texto são frames extraídos do filme por nós. A minutagem que situa as falas trazidas seguem essa exibição, embora algumas anotações feitas por nós tenham tomado esta e outras exibições com legendas em português, não mais disponíveis no fechamento deste texto.

casaram. A festa de casamento, reunindo alguns parceiros do coletivo, é um emblema do contexto vivido e explicita a posição política do grupo, mesclada de beleza e coragem no enfrentamento à guerra civil. O barulho das bombas se mistura à explosão da chuva de papel picado que os amigos espocam em comemoração. Aumentam o volume da música para que fique mais alto que o das bombas, como a frisar a necessária luta contra o embrutecimento e o desafio de não se anestesiar à beleza da vida. Ali Waad apresenta a perspectiva que orientará o filme: a perspectiva da vida.

O filme é um testemunho histórico e político iniciado por Waad em 2011 e passeia pelo tempo indo e vindo embalado pelas manifestações inicialmente pacíficas em oposição a prisão e tortura de jovens na cidade de Deraa, sul da Síria, após pintarem mensagens pedindo a derrubada do presidente ditador Bashar al-Assad nos muros de uma escola. Em pouco tempo, muitos protestos se espalharam em outras cidades da Síria e juntaram-se a outros movimentos em países vizinhos que já clamavam por democracia, no que ficou conhecido como a “Primavera Árabe”. As forças leais aos governos ditadores avançavam sobre os manifestantes civis, enquanto as diversas facções rebeldes e grupos extremistas de oposição pleiteavam o poder, com interesses comerciais do petróleo e gás (CARARO, 2020).

Iniciada em 2011, a Guerra civil na Síria segue seu curso ainda hoje. No exato momento em que escrevemos este texto, no exato momento em que o leitor o tem às mãos, a Síria segue em guerra. *“Milhões de pessoas veem as nossas publicações. Porém, nada é feito para parar a guerra. Só temos uns aos outros”* (01:15:45), diz Waad. A guerra vem deixando um rastro de cerca de 600 mil mortos, dentre os quais, quase 13 mil são crianças mortas ou feridas, de acordo com os recentes dados da ACNUR - Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados e da UNICEF - Fundo das Nações Unidas para a Infância. Iniciamos a escrita deste texto em 2021. Mais de uma década de guerra onde quase 7 milhões de pessoas encontram-se deslocadas dentro da Síria e outros 6,6 milhões são pessoas refugiadas sírias em todo mundo, a maioria em países próximos à Síria, provocando o deslocamento de quase 13,5 milhões de pessoas - o maior quantitativo dentre a totalidade de pessoas refugiadas atualmente.

Neste mesmo período, quase 5 milhões de crianças nasceram na Síria. Dentre elas, Sama. Aqui se coloca a problematização instaurada por Waad e seu marido Hamza: em vez de buscar exílio num outro lugar supostamente mais

seguro, eles decidem permanecer na cidade de Aleppo, com a filha, exercendo politicamente o seu trabalho e seu ativismo. Hamza forma-se médico e passa a atuar no atendimento aos feridos. Waad passa a documentar a guerra de dentro dela, na intenção de poder comunicá-la ao mundo e colocar em xeque o seu sentido. Com isso, oferecem um ângulo de visada que oferece contradições ao imaginário cristalizado das guerras produzido pelas mídias hegemônicas, que narram os bombardeios, os mortos, as pessoas em busca de refúgio, como se o lugar onde a guerra acontece se tornasse desértico, habitado somente pelos aviões que cruzam os céus, pelas bombas e pela poeira.

O estudo de Milanez (2022), em consonância às reflexões dos pais de Sama, ajuda a compreender a complexidade dos processos de deslocamentos gerados pelas guerras: é imensa a linha abissal que distingue aqueles que se deslocam e que, porventura, chegam a um lugar seguro, daqueles que permanecem invisibilizados tanto no lugar do conflito como os que ficam pelo caminho - seja pela impossibilidade de sobreviver às travessias, seja pela permanência *ad eternum* em precários campos que deveriam ser provisórios. Por esta razão, importa para ambos, a pesquisadora e os pais de Sama, propor

um olhar atento, cuidadoso e acolhedor, que se distancie do piedoso ou da caridade, mas se aproxime sim de certa indignação, indigna ação que evoca seguir na direção dessa(s) vida(s) sem deixar de reconhecê-la(s) em sua(s) singularidade(s), que habita(m) em primeira pessoa, uma situação política que lhe(s) é imposta. (Milanez, p.76)

Como há um século já assinalava Walter Benjamin (1987) as guerras são tomadas como instrumento pelo capitalismo. Ou seja, mobilizam muitas formas de lucro - da indústria bélica ao mercado da “ração humana” - expressão utilizada para conceituar a alimentação destinada à população nos campos de refugiados.

Hamza, pai de Sama, lembra que *“Não se trata de um lugar. Um lugar é feito pelas pessoas”* (00:53:00). Permanecer ali foi uma decisão política. Um ato de resistência. E ali permanecem, até se tornar insustentável, narrando, de dentro da guerra, o cotidiano dessas pessoas que escapam a se tornarem números nas mídias de massa, na simplicidade da teimosia de viver. O filme é dedicado à Sama, como uma carta cuja narrativa vai dizendo à menina quem é ela, quem são seus pais, qual é a luta do seus pais, o que é o coletivo de que ela

e eles participam, o que é o seu país, o que é a guerra, o que é a resistência, o que é a luta. Narrativa que não é livre de uma profunda dor que, entre outras formas, se traduz na incerteza se a filha perdoará as escolhas feitas por seus pais.

“For Sama” nos convoca a pensar politicamente a infância em suas diferentes condições de existência. A importância que a menina e outras crianças envolvidas têm para seus pais e para o coletivo de resistência que mantém o atendimento hospitalar, as reposicionam social e politicamente em relação às visões recorrentes acerca da infância, pautadas na ideia de futuro e de herança das expectativas burguesas: definitivamente Sama não é uma criança abstratamente prescrita para habitar um mundo supostamente dado. Seu direito à proteção e provisão são conjugados a partir de um coletivo, o que desarruma nossa perspectiva individualizante do mundo capitalista.

Em que as imagens aqui trazidas dialogam com aquelas que temos em nossas gavetas e dispositivos digitais? Em que a existência de Sama toca a existência de nossos filhos e netos? Que infâncias se desenham no cotidiano de quem permanece numa cidade em guerra civil, ou para aqueles que são forçados ao deslocamento? De que formas essas diferenças e desigualdades competem para a construção do que chamamos infância? Que instituições as consolidam, hegemonomizam, silenciam, invisibilizam? Como o trabalho que fazemos se responsabiliza pela construção do que teoricamente chamamos infância? Pensar sobre isso é o objetivo deste texto.

INFÂNCIA E POLÍTICA

O campo interdisciplinar dos Estudos da Infância é também uma instância política que disputa e produz sentidos à experiência da infância. Queremos dizer com isso, que a arte e a ciência não apenas descrevem o mundo social e cultural - e nele, a infância -, mas como instituições discursivas, elas produzem um mundo social e cultural, tecido no tenso e intermitente movimento em que afetam e se afetam na realidade social. Nesse sentido, assim como Waad al-Kateab e Edward Watts produzem o filme como um posicionamento político no campo da arte, nossa escrita é também um posicionamento político no campo dos Estudos da Infância, em diálogo com referências que reconhecem nas crianças sua potência de agência e participação ao longo dessa experiência geracional.

Reconhecemos, porém, que determinados marcadores sociais acarretam severas desigualdades, o que mostra o descompasso entre alguns avanços teóricos ou mesmo na legislação, dificultando experiências concretas de infância que já se encontram subscritas juridicamente, como por exemplo, estar em consonância com o que já afirma o Tratado da Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos das Crianças. O melhor interesse da criança, e a não discriminação, figuram como os princípios fundamentais que o Tratado reconhece, garantindo especificamente o direito à participação e à sobrevivência, entre outros.

A condição da infância após o Tratado na contemporaneidade ocidental está relacionada a uma ideia de proteção e tutela pelas nações, especialmente quando estamos falando de crianças em situação de conflitos armados e guerras, temática desse texto. Nesse caso, como proteção e sobrevivência são termos carimbados no documento, parece subentendido que a criança é hegemonicamente um objeto com necessidades apenas protetivas e ainda assim sendo possível reconhecer gradações nesse status de proteção. Ou seja, quanto menores, maior seria a sua vulnerabilidade, independentemente das possíveis nuances e diferenças que permeiam esse ou qualquer outro momento da vida, uma vez que estamos, enquanto humanos, em constante mudança e transformação.

Desta forma, podemos imaginar que quando os aniversários de uma pessoa ocupam todos os dedos da mão, ou seja, quando chegam os esperados dez anos, os olhares jurídico-protetivos vão paulatinamente desviando-se desse público e algo parece mudar de forma mais significativa. Em diversas culturas, de acordo com a agência UNFPA - Fundo de População das Nações Unidas, é em torno desse período que o início da puberdade aflora, caracterizado por um momento de descobertas e mudanças, demarcando em muitas culturas, a entrada num ambiente de vulnerabilidades severas, sobretudo em sociedades onde o casamento e o trabalho infantil são autorizados legal e culturalmente.

Nessa linha de pensamento, a pessoa em torno dos dez anos não é mais percebida como aquela criança pequena que precisa de muitos cuidados para sobreviver e por essa razão não é alvo de atenção e medidas protetivas imediatas. Também não é ainda uma adolescente com especificidades e autonomia, tampouco alvo de políticas públicas definidas especificamente para esse público. Isso porque ao reconhecer a adolescência a partir dos doze anos, as organizações internacionais e legislações de muitos países oportunizam uma

brecha onde podem se legitimar quadros de discriminações e abusos a que são submetidas as crianças um pouco abaixo desta faixa etária, ou muitas vezes bem antes, especialmente se forem meninas. As crianças-soldado, as escravas sexuais e as noivas prometidas assim que nascem, são alguns exemplos de situações que culminam tragicamente por volta dos dez anos.

É pensando na fragilidade desses dez anos que olhamos para a Síria que se encontra numa guerra civil que completou também sua frágil década, em 2021, início da escrita deste texto. Assemelha-se à criança que impactou o mundo, em seu início, quando grupos opositores e lideranças mundiais lançaram seus olhares interessados no nascimento de mais uma guerra-criança, que agora aos 10 anos já não é mais muito percebida. Entre opositores e apoiadores localizam-se países e grupos com objetivos distintos entre si: Estados Unidos, Israel e Turquia aliaram-se para derrubar o governo sírio e enfraquecer seus aliados, enquanto o governo sírio luta para se manter no poder com o apoio da Rússia e do Irã. Além das alianças definidas, os rebeldes curdos, rebeldes de origem síria e grupos de radicais islâmicos se infiltraram para aproveitar o caos e seguir, de um lado, com as lutas religiosas e, de outro, com o embate contra o ocidente.

As crianças que nascem num país em guerra civil não conhecem o que seria a vida sem o barulho dos helicópteros sobrevoando as casas, das bombas explodindo longe e bem perto, de casas tremendo, de gritos de dor, medo e desespero. Testemunham e crescem com a guerra em seu cotidiano, andando por destroços e entulhos sem saber que hoje são apenas rastros daquilo que em algum dia foi rua, prédio, escola, praça ou hospital. Um tempo de infância ao qual nós da vida em *não guerra* nos acostumamos a assistir pelos telejornais e pelas redes sociais, tornando quase normal esse permanente estado de exceção, como se fosse um filme.

Em que pese sua experiência de vida fincada na experiência da guerra, foi exatamente como um filme, que a guerra da Síria foi apresentada/narrada para a menina Sama. Desenvolvido ao longo de cinco anos por sua mãe, a jornalista e cineasta Waad al-Kateab, o filme traz uma perspectiva feminina de olhar e captar imagens. Transformou-se num sensível diálogo entre mãe e filha, a partir do que seria um registro jornalístico de uma jovem ativista sobre o que acontecia na Síria após a Primavera Árabe. Importava especialmente para essa mãe, que Sama soubesse as razões sobre sua escolha em permanecer na Síria após seu nascimento em 2015. Ficar e filmar em Aleppo significava reafirmar o



desejo de pacificação e de liberdade pelos quais lutava e filmava desde 2011. “*Sama, esse filme é para você. É pelo que lutamos*”, diz a mãe nas cenas iniciais do documentário.

Quase meio século antes, a professora e filósofa alemã Hannah Arendt (2008) escreveu ao longo de doze anos – tempo ampliado de uma infância – uma coletânea de ensaios e artigos intitulada “Homens em tempos sombrios”, onde aborda como algumas pessoas de seu ciclo de relacionamento viveram e foram afetadas por um determinado tempo histórico. Tratava-se da 1ª metade do Século XX, uma era atravessada por catástrofes sócio-políticas. A questão focal que parecia mover a autora não se voltava ao relato biográfico de cada um sobre como as monstruosidades daquele período se mostraram e foram vividas, uma vez que a humanidade já vivenciou outras experiências de barbárie, mas, e principalmente sua forte crença na dignidade humana, na liberdade e na justiça em meio às adversidades, o que comprova a sua tese na medida em que as histórias narradas migravam das experiências individuais, do privado, das vidas particulares para o âmbito público.

Hannah e Waad compartilharam em suas vidas a experiência do deslocamento, da destruição e da perseguição, entretanto, escolhem narrar menos sobre suas vidas e mais sobre a vida dos outros. Ainda que as duas mulheres realcem afetamentos provocados pela História na vida daqueles sobre os quais narraram, há um esforço em ambas, de colocar uma luz maior naquilo que circunda o âmbito do que é público, do coletivo, tornando esse um ambiente político. Nesse ponto, Hannah Arendt contribui com sua concepção de liberdade ao defender a ideia de que política se estabelece na relação entre as pessoas e não isoladamente nas pessoas e que é por meio desse movimento, da palavra e da ação entre as pessoas, que a liberdade se revela nessa intervenção no mundo (MAX, 2009). “*Sua fragilidade é como a liberdade em Aleppo*”, diz a mãe de Sama. A ação da cineasta durante toda filmagem parece movida pela potência da infância da menina.

Importa ressaltar a fragilidade dos dados sobre a guerra civil na Síria, pois só a partir de 2014 em diante os números são oficialmente monitorados, o que representa a estatística referente aos últimos cinco anos. Além disso, desta conta não fazem parte as mais de 10 mil crianças mortas. Com a vulnerável estatística real entre mortos, feridos e nascidos é possível supor que esse quantitativo poderia no mínimo duplicar, se os cálculos computassem os dez e não apenas os cinco anos dessa guerra-criança.

Este ambiente híbrido e contraditório do nascer em meio aos bombardeios e mortes mostra como campo fértil para pensar a infância e a precariedade de algumas infâncias, cujas vidas acabam hierarquizadas demarcando desigualdades estruturais que definem quais vidas e corpos são mais ou menos precários. Mais ou menos aptos a viver. Ao normatizar os direitos de proteção à vida, entram em jogo as práticas sociais que possibilitam a manutenção das vidas de forma vivível, pois não há vida sem condições de vida que a sustente. Uma condição precária, como apregoa Butler (2019) indica a condição política na qual certas populações ficam expostas às violações em geral: de direitos, de sobrevivência alimentar, de saúde, de cuidados, muitas vezes pelo próprio Estado-Nação que deveria protegê-los.

Esse modo de “ser” ou “estar” precário como aquele que está sujeito ao outro, seja este, alguma norma, organização social ou política, atua ora ampliando, ora minimizando a precariedade dos corpos. É desta forma que se diferenciam os enquadramentos desses ou daqueles, embora esta concepção reconheça que toda vida é precária, partindo do pressuposto de que desde o nascimento, todo ser humano depende de condições externas a si para se manter vivo e, assim, evitar a morte.

No mundo contemporâneo globalizado, onde tais desigualdades estruturais se acentuam, revela-se o crescente abismo entre o livre comércio e a livre transferência de bens, serviços e investimentos transfronteiriços. A migração humana, impedida de transpor territórios, recorrentemente é foco de detenção, repressão e irregularidades jurídicas, especialmente quando se trata de crianças migrantes, seja em deslocamento ou em situação de refúgio. Aqueles que permanecem na guerra, vivendo-a precariamente, de dentro, tornam-se ainda mais invisibilizados, na medida em que o horizonte dos discursos hegemônicos coloca o deslocamento como uma última fronteira.

POLITIZAÇÃO DA INFÂNCIA

“Para Sama” é um filme político. Seu ângulo de visada é o de um coletivo de ativistas dos movimentos de resistência que antecedem a guerra civil e que decide permanecer na cidade de Aleppo, emblemática desde a Primavera Árabe, como exercício de resistência. É um grupo de médicos, enfermeiros, voluntários e suas famílias, que compartilham o cotidiano atuando num hospital montado por Hamza e seus amigos, hospital que viria a ser bombardeado, exigindo dos amigos a busca de um outro local para ser transformado em

hospital. *“Bombardeiam hospitais não para matar pessoas, mas para matar a dignidade delas”* (00:01:15), denuncia Hamza.

“Quando acalmam os bombardeios, te pego no hospital e saio com a câmera. Preciso ver gente viva. Tentar ter uma vida normal num lugar assim é opor-se ao regime” (00:43:31), diz Waad, enquanto nos mostra os arredores do hospital. Cada personagem é trazida como o sujeito político que é e que representa o todo da dramaticidade vivida no coletivo. As crianças são parte desse coletivo. Partilham os horrores, as utopias e os afetos cultivados nas brechas do cotidiano. Revelar a humanidade por trás dos bombardeios, homens-bomba ou tanques é política e é resistência. É por essas brechas que se percebe o movimento da vida e uma sutil pedagogia, orientada pelo contexto.

Homens jogam xadrez numa ruela em ruínas e conversam sobre política. Mulheres conversam sobre o término dos mantimentos para a merenda e sobre estratégias de proteção às crianças, numa escola improvisada por elas. Uma algazarra anuncia a brincadeira das crianças em pequenos lagos formados pelo acúmulo de água nas crateras da rua. Avançando e retrocedendo no tempo, um corte do filme nos leva para a para a cena de uma festa planejada para e pelas crianças, que acontece num ônibus bombardeado. Em volta dele, Sama, no colo de sua mãe, e outras crianças, riem, cantam e brincam com pincéis e tintas trazendo um colorido para aquilo que sobrou do veículo. Brincam que estão indo para o colégio. *“Tentamos dar a você a melhor infância possível, Sama”* (00:40:04), narra Waad enquanto pinta com a filha e conversa com as outras crianças que veem nos destroços um grande brinquedo.



Imagem 3 - crianças brincam na carcaça de um ônibus incendiado

Esses diferentes esforços de que os habitantes da cidade lançam mão para tentar atribuir uma normalidade à vida que segue não devem ser tomados aqui como uma forma de minimização da conjuntura de guerra civil ou como uma romantização da brincadeira infantil. São trazidas no sentido de dar a ver que, teimosamente, a vida se mostra como resistência política no cotidiano, nunca isenta, porém, das marcas da história. Exemplo disso, a ponderação doída feita por Waad em face da quase indiferença da menina ao barulho das bombas: *“Sama, sei que entendes o que se passa. Não choras, como todos os bebês. E isso me corta o coração.”* (01:14:10).

Importante destacar, ainda, a relação entre crianças e adultos desse coletivo e a profundidade dos diálogos que se produzem entre eles no intento de partilhar sentidos sobre o que viviam. É comum ver os adultos acolhendo as crianças em momentos de bombardeio e recorrendo a alguma música, história ou brincadeira para acalmá-las. Alguns fatos acontecidos são trazidos às crianças como narração de uma história e a partir dessa história o narrador extrai das crianças o planejamento de um modo de agir para o caso de serem surpreendidas em situação similar, como fez o pai de um casal de amigos de Waad, que chamou ao colo a filha pequena para contar-lhe uma história e ela

pede: *“Conta de novo a história do menino?”* (1:00:20). E o pai repete a história do bombardeio que destruiu-lhe a casa e matou seus pais e como ele foi resgatado. Há um cuidado em explicar a elas sobre as decisões que os adultos têm de tomar. Do mesmo modo, há uma escuta atenta ao que as crianças dizem.

É com esse tom que Waad explica à filha bebê:

Sama, a situação está ruim. Teu pai não pode sair do hospital. Por isso agora vivemos aqui. Nossa habitação! Por trás desses quadros têm sacos de areia, para nos proteger das bombas. Faço o que posso para que pareça um lar. (00:24:00).

É com esse mesmo tom que a decisão de deixar Aleppo é tratada em presença das crianças, alternando entre as gerações a tarefa de consolar uma à outra. *“Tudo teria sido em vão?”* (01:20:40). O cerco se aproxima do quarteirão em que se situa o hospital improvisado pelo grupo de amigos e a situação vai se tornando insustentável. Vale lembrar que esse grupo de amigos é um coletivo de resistência política, com impacto na situação interna e com relativa projeção de comunicação internacional. Isto explica a urgência da expatriação e a prometida garantia de vida para deixarem o país. *“Nosso destino não está mais em nossas mãos”* (01:20:33). Um míssil atinge o hospital e as crianças entram em sofrimento com o gás de cloro que se espalha. É exigido que se rendam, como condição de saírem vivos dali. *“Teu único crime, Sama, é que tua mãe é jornalista e teu pai é médico”* (01:18:35).

A conversa entre adultos e crianças sobre a saída de Aleppo é emblemática no sentido de dar a ver o lugar político que as diferentes gerações ocupam naquele lugar e naquela luta. Duas mães compartilham os seus sentimentos em relação ao impacto que a decisão de partir gera nas crianças, ainda que essa seja a única possibilidade de sobrevivência delas: *“As crianças não querem ir embora. Como vamos? Sair da cidade seria o pior exemplo pras crianças. Ficar era melhor do que ser egoísta e correr para se salvar.”* (00:37:53). Nessa conversa um menino chora e justifica seu desejo de permanecer, embora tenha de partir e deixar muitos amigos para trás: *“Pediria aos amigos que me perdoem por deixá-los”* (01:02:35).

Sama, seus pais e os amigos do coletivo de resistência, deixam Aleppo no final de 2016, num processo conjunto de expatriação, rumo à Turquia, que os

recebera na condição de exilados. Antes de partirem, Waad olha mais uma vez o hospital, parcialmente destruído, que nos últimos 20 dias havia atendido mais de 6 mil feridos e realizado 890 cirurgias: *“Teu mundo, Sama, durante teu primeiro ano de vida”* (01:24:31). Passa em sua casa, parcialmente atingida e leva consigo uma flor para que *“cresça depois de Aleppo”* (01:26:00). Leva também um bebê em seu ventre. E mais de 500 horas de filmagens.

Ainda que as distintas formas de tratamento e as possibilidades restritas para uma vida digna façam com que determinados grupos sociais vivam em condições mais precárias do que outros, Sama e as mais de cinco milhões de crianças nascidas na Síria durante esses dez anos, surgem como um impulso que parte da singularidade de cada uma dessas vidas na transformação em um coletivo capaz de mobilizar uma força intensa de dimensão política. De forma subjetiva revertem a condição precária transmutando-a em resistência, na medida em que impulsionam suas famílias. *“Achei que tinha perdido tudo quando perdemos Aleppo. Mas não. Temos o cheiro de Aleppo que está na pele dela”* (01:30:47).

É visível o conflito vivido por Waad: por um lado, a consciência de que deviam ter permanecido na luta e a certeza de que a menina era filha desse casal ativista e daquele contexto que exigia resistência; por outro, uma constante preocupação se Sama perdoaria as escolhas que fizeram, na medida em que essas escolhas definiram as condições de vida da menina, seja no seu primeiro ano vivido em Aleppo, seja na memória que a constituiria. Reiteradamente a mãe afirma: *“O que fizemos é por ti”*. *“É para ti”*. Nesse aspecto, as preocupações de Waad em nada se diferenciam daquelas vividas em qualquer família, ao mesclar as expectativas e o bem estar das crianças.

O que Waad al-Kateab, no filme que assina com Edward Watts, traz de contribuição para o campo dos Estudos da Infância é justamente uma perspectiva de politização da infância tomada para além das experiências concretas de uma criança isolada, desenhadas no mundo privado das expectativas familiares e do bem estar recortado nos limites do indivíduo. Perspectiva esta que encontramos naquele menino que, chorando, lamentava deixar pra trás os amigos e que, ao olhar para a frente, instigado pela reiterada indagação que se faz às crianças sobre o que querem ser quando crescer, assim responde: *“Quería ser arquiteto e reconstruir Aleppo”*. (00:30:00).

Esse menino, em seu desejo, encontra as preocupações de Dora Benjamin (apud Schock-Quinteros, 2014, p.23) em seu pronunciamento na Conferência de Refugiados em Montreux, no início de 1945, representando a Organização de Ajuda aos Trabalhadores Suíços. A irmã do conhecido filósofo Walter Benjamin, cuja história e produção teórica, consistente e posicionada, fora silenciada pelo nazismo, insistia em conchamar seus contemporâneos a se responsabilizar pelas crianças resistentes/sobreviventes às guerras, períodos de extrema brutalidade. Lembrava aos adultos que caberia a elas, às crianças - as que ficaram ou as que se refugiaram, as que estavam com seus pais ou as que seguiam sozinhas - caberia a elas a tarefa de reconstruir o que então se mostrava em ruína. Considerava uma infâmia política delegar às crianças - vistas como futuro - essa tarefa e negligenciá-las na concretude do presente.

É a ideia da reconstrução, tomada como desejo e responsabilidade pelo menino, que atesta que a luta não terá sido vã. Do mesmo modo que eram elas, as crianças, no coletivo de ativistas trazido no filme, a razão da própria luta. É um diálogo entre gerações a tratar da continuidade do planeta. Transcende a empobrecida e egóica ideia burguesa de biografia encerrada nos limites da vida de um indivíduo.

Sama - como toda criança - não é, seguindo a metáfora de Walter Benjamin (2009) um Robson Crusoe, abstrato e isolado, livre das contingências do seu tempo. No filme, as crianças - as vivas e as mortas - são tratadas como sujeitos políticos, concebidas como parte daquele coletivo, o que pode ser avaliado na forma como todos os adultos se relacionam com todas as crianças ou na assertiva pontual de Wadd, quando retornam à Aleppo depois de uma rápida visita à sua mãe doente: *“Estavam mais contentes de ver a ti do que a nós. Parecia que eras a filha de todo o hospital. Nosso destino era todos juntos.”* (00:58:20). A criança participa da sociedade pela sua simples presença no mundo. Não houvesse a sua presença, haveria música, histórias, brincadeiras, conversas atentas, resistência, luta?

Pensar politicamente a infância implica reconhecer os diferentes compromissos e os diferentes direitos almejados ou firmados para adultos e crianças, nem sempre conciliáveis. Resulta disso, talvez, a suposição de que crianças e adultos não habitam o mesmo mundo, inviabilizando a percepção de uma existência comum entre as gerações e as culturas. Walter Benjamin (2009) pontuava que, numa perspectiva colonial e burguesa, tornou-se hegemônica a

ideia de que as crianças têm muito mais necessidade dos adultos do que os adultos delas.

Sama - e o coletivo do qual faz parte - nos oferecem uma antítese a essa perspectiva, propondo-nos uma abordagem da infância em seu caráter público, como categoria social, política, geracional, permanente. Sama é a certeza de que a luta dos adultos não é vã. Sama - e todas as demais crianças - são a visagem histórica da existência que se expande para antes e para depois da geração que promove a guerra - ou que luta contra ela.

PALAVRAS FINAIS



Imagem 4 - (re)nascimento

Do início da guerra, em 2011, até meados de março de 2020, de acordo com dados oficiais recolhidos no site da UNICEF, passa de cinco milhões o número de crianças que nasceram em solo sírio, e mais de um milhão veio ao mundo na condição de refugiadas fora das fronteiras sírias, alocando-se principalmente nos países vizinhos. Ainda que a infância possa mostrar-se como

fragilidade, a força dessa natalidade maciça se contrapõe e resiste à insistente destruição que a guerra civil provoca.

Nesse sentido, a ideia de nascimento, constitutiva da infância, é, em si, uma expressão de resistência. Traz sempre junto de si a promessa de um “novo começo”, o que se apresenta como um verdadeiro milagre. Na perspectiva de Hannah Arendt (2005, p. 217), “os milagres devem ser sempre interrupções de uma série qualquer de acontecimentos”. É o sentimento que aflora sempre que um nascimento é anunciado. Um correr para arrumar o mundo para aquele que chega. Uma esperança que aquele que chega traga consigo alvíssaras ao mundo.

Um nascimento rompe o fluxo, supostamente previsível e, como possibilidade de novos começos, reinstaura a liberdade. “Cada homem é em si um novo começo, já que através do nascimento veio ao mundo que existia antes dele e continuará existindo depois dele”. (ARENDRT, 2007, p. 43). O nascimento é um pacto de responsabilidade entre gerações para a construção de um mundo comum.

Assim foi o nascimento deste bebê na imagem acima. Consequência de um dos muitos bombardeios em Aleppo, uma mulher grávida de nove meses, ferida, é trazida ao hospital e terá de ser submetida a uma cesariana de emergência. O que se pode esperar do fluxo dos acontecimentos em série que constituem uma guerra? Como desnaturalizar imagens já saturadas pelos noticiários e pelos cinquenta minutos já passados deste filme? Que alteridade extrair de nossas vísceras um tanto anestesiadas que possa tornar essa criança da mesma espécie dos “nossos” - os filhos, netos, alunos que nos espreitam em fotografias?

O fluxo também pode ser rompido. E se rompe. E perdemos o fôlego, adentramos o filme e o hospital. O bebê, aparentemente tão distante, é colocado em nossas mãos à espera de cuidados que restituam seus sinais vitais. E aqui estamos nós à espera de um milagre. Exatos 79 segundos irrespiráveis em que o médico se desdobra em tentativas de parir nele o choro da vida. Tempo suficiente para que a infância se mostre em sua plenitude, naquilo que mobiliza o que somos e o que podemos nos tornar. O mundo que em 79 segundos se mostra comum. Fôlego. *“Um milagre. Nos dá força para seguir lutando. O mesmo que você, Sama.”* (00:49:20).

REFERÊNCIAS

al-KATEAB, Waad e WATTS, Edward. **For Sama**. Reino Unido. 2019. 100min.

ARENDT, Hannah. **Homens em Tempos Sombrios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____. Entre o passado e o futuro. São Paulo: Perspectiva, 2005.

_____. **O que é a política**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas**. vol. I. Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1987.

_____. **Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação**. São Paulo: Duas Cidades, Editora 34, 2009.

BUTLER, Judith. **Quadros de Guerra: Quando a Vida é Passível de Luto?** Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2019

CARARO, Aryane. **Valentes: Histórias de pessoas refugiadas no Brasil**. São Paulo: Editora Seguinte, 2020.

MAX, Maite Larrauri. **A Liberdade segundo Hannah Arendt**. São Paulo: Editora Ciranda Cultural, 2009.

MILANEZ, Fernanda. “Fôlego: tempos de infância e de refúgio”. Rio de Janeiro. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. 2022. (Tese de Doutorado).

SCHÖCK-QUINTEROS, Eva. “Dora Benjamin: ‘... porque espero poder trabalhar na América depois da guerra.’ Estações de uma cientista expulsa (1901-1946)”. Bremer online JournalGeschichte - Bonjour. Geschichte 4 (2014).

Recebido em 27 de junho de 2022

Aprovado em 21 de outubro de 2022